

A narrativa do dilúvio em Gênesis e a ciência: possibilidades para a leitura da descrição da catástrofe

The flood narrative in Genesis and Science: possibilities for reading the description of the catastrophe.



<https://doi.org/10.23925/ua.v26i42.e62589>

Robson Barbosa da Silva¹

Resumo

O presente artigo trata das possibilidades no que tange à interpretação da narrativa bíblica relativa ao dilúvio em face dos conhecimentos concernentes às ciências da Terra. Busca mostrar que a descrição do cataclismo em Gênesis está condicionada à cosmologia dos antigos hebreus, e que insistir na exatidão do que lá é dito só faz sentido com o compromisso com tal cosmologia. Trata brevemente dos percalços da “busca pelo dilúvio histórico”, assim como da tese do dilúvio do Mar Negro, o qual pode estar na origem da narrativa bíblica e das várias outras descrições de um dilúvio no mundo antigo. Também discorre sobre como o entendimento acerca da natureza do mito e da revelação pode oferecer interessantes perspectivas para a leitura e interpretação do relato bíblico. Este, sendo possivelmente referência a uma grande catástrofe em meio à qual muitos podem ter visto manifestos juízo e salvação divinos, fala de algo análogo a acontecimentos como a queda de Jerusalém, quando o juízo de Deus cai sobre a nação impenitente. Ao mesmo tempo, o escrito expressa a expectativa da revelação da graça em favor de um remanescente, com a restauração de sua pátria e culto. Também é paradigma de toda e qualquer situação em que se experimentem juízo e graça.

Palavras-Chave: Dilúvio; Graça; Juízo; Mito; Revelação.

¹ Licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Licenciado em Física pela Faculdade Única de Ipatinga – FUNIP. Mestre em Estudos Teológicos (*intra-corporis*) pelo Miami International Seminary – MINTS.  00-0002-3616-4707, robsonbio2008@hotmail.com.

Abstract

This paper deals with the possibilities regarding the interpretation of the biblical flood narrative in the face of knowledge concerning the Earth sciences. It seeks to show that the description of the cataclysm in Genesis is conditioned to the cosmology of the ancient Hebrews, and that insisting on the accuracy of what is said there only makes sense with the commitment to such cosmology. It briefly deals with the mishaps of the “quest for the historical flood”, as well as the thesis of the Black Sea flood, which may be at the origin of the biblical narrative and of the various other descriptions of a flood in the ancient world. It also discusses how understanding the nature of myth and revelation can offer interesting perspectives for reading and interpreting the biblical account. This, possibly being a reference to a great catastrophe in the midst of which many may have seen manifest divine judgment and salvation, talks about something analogous to events like the fall of Jerusalem, when God’s judgment falls on the impenitent nation. At the same time, the writing expresses the expectation of the revelation of grace in favor of a remnant, with the restoration of their homeland and cult. It is also a paradigm for any situation where judgment and grace are experienced.

Keywords: Flood; Grace; Judgment; Myth; Revelation.

Introdução

Alguns dos temas mais controversos na interação entre ciência e religião cristã são aqueles relativos aos primórdios da humanidade como descritos nas primeiras páginas da Bíblia. Nesse contexto, o dilúvio de Noé ocupa um lugar especial, com os cristãos tendo a narrativa relativa à sua ocorrência no Gênesis na mais alta conta e muitos, principalmente os evangélicos conservadores, insistindo na exatidão do que lá é dito sobre o referido cataclismo. Assim seria, pensam, porque tal relato, tendo sido revelado pelo próprio Deus, não poderia conter erros. Como se verá, a compreensão acerca da referida exatidão da descrição da catástrofe apresentada na Escritura só pode ser alcançada com o entendimento da cosmologia hebraica antiga, bem como da natureza da própria revelação.

Também se dá que a investigação acerca do dilúvio (no caso, do episódio que originou a narrativa bíblica e as várias outras descrições de um dilúvio entre os mais diversos povos) pode ser feita utilizando-se das ferramentas da geologia. O planeta, ao longo de sua história, passou por inúmeras catástrofes (por exemplo, a extinção dos dinossauros não-avianos, há cerca de 65 milhões de anos), e muitas dessas ocorrências deixaram vestígios nas rochas. Se ocorreu um grande dilúvio, é provável que deixou marcas reconhecíveis, de forma que seria possível ser conhecido no que tange a coisas como sua extensão, data em que sucedeu etc. A hipótese do dilúvio no Mar Negro pode trazer esclarecimentos.

Tem-se, também, que se compreender que a narrativa do dilúvio em Gênesis, antes de ser relato acerca de fenômenos físicos, nos moldes de uma descrição científica, tem caráter religioso, pois consiste em formas utilizadas para se falar sobre Deus por meio da relação com a criação em geral e com o homem em particular. De modo que, aqui, o que interessa tanto não é a precisão científica do descrito, mas o que este tem a dizer acerca de Deus. Os antigos israelitas tinham tais histórias como algo particularmente caro, porque lhes falavam acerca de juízo e de graça, de modo que eram exortados a renovar e manter sua aliança com Yahweh, bem como a crer que, mesmo em meio à mais profunda catástrofe nacional, ainda haveria um futuro no qual seria revelada a salvação de Deus. Tal

trama também contém uma mensagem para qualquer situação na qual se manifestem juízo e graça divinos.

1- O dilúvio bíblico

O dilúvio de Noé é um dos mais conhecidos episódios da Bíblia. Está profundamente arraigado no pensamento cristão, sendo um dos eventos mais importantes da história sagrada. Para muitos, parece completamente fora de cogitação questionar a veracidade da narrativa bíblica, pois o que estaria em questão seria, então, a veracidade da própria Bíblia, que, como a Palavra de Deus, seria verdadeira em tudo que pronuncia, não importa a temática. Norman Geisler diz o seguinte: “[...] tudo que a Bíblia declara é verdade, seja uma questão grande ou pequena. A Bíblia é a Palavra de Deus, e Deus não se afasta da verdade. Todas as partes são verdadeiras, assim como o conjunto que compõem” (GEISLER, 2002, p. 125). No que tange ao dilúvio, por exemplo, estariam envolvidas questões de cunho histórico e científico, e a Bíblia, sendo inerrante, seria verdadeira aqui também, portanto. Embora discordem entre si que tange a certos detalhes do episódio, os cristãos concordam, geralmente, que algo aconteceu nos primórdios da humanidade (ou em remoto passado), tendo deixado profunda impressão entre os povos antigos. Disso teriam surgido as muitas descrições do dilúvio, sendo aquela apresentada na Bíblia a mais conhecida (embora, admitem os pesquisadores hoje, não a mais antiga).

Tomando como dada a ocorrência do cataclismo, uma pergunta que fica é se o texto bíblico daria informações claras sobre a extensão do dilúvio. Muitos supõem que o dilúvio foi global, tendo sido um juízo divino contra o profundo estado de pecaminosidade do mundo pré-diluviano. Pensam assim devido à descrição física do episódio no livro de Gênesis, pois é dito ali que “[...] 7.19[a] cheia das águas tornou-se cada vez mais forte sobre a terra e, em toda a extensão da terra, todas as montanhas mais elevadas foram recobertas 7.20a por uma altura de quinze côvados” (Gn 7,19,20a)².

Porém, tal ideia levanta um sem-número de dificuldades dado o que se sabe acerca da estrutura e funcionamento do planeta Terra, o que torna praticamente impossível algo

2 No presente escrito, utilizou-se do texto da *Bíblia – Tradução Ecumênica* (TEB). São Paulo: Edições Loyola, 1994.

como um dilúvio global. Sequer há água na Terra para tal coisa. Por exemplo, mesmo que as geleiras todas do planeta derretessem, isso só acrescentaria ao nível do mar algumas dezenas de metros, o que, claramente está muitíssimo aquém dos nove quilômetros necessários para cobrir as montanhas mais altas da Terra. Levando em consideração tais coisas, muitos cristãos têm rejeitado a ideia de um dilúvio global. Também partem de dados bíblicos pois, dizem,

[...] nada na narrativa dos caps. de 6 a 9 impede que o dilúvio seja considerado regional – destruindo tudo dentro do seu alcance, mas de abrangência relativamente limitada – e universal somente da perspectiva do conhecimento geográfico de Moisés. A ‘terra’, e. g., pode ser definida no sentido mais restrito de ‘região’, ‘país’ (v. 2.5). ‘... toda criatura’ pode significar toda vida dentro da percepção de Noé. (V. a linguagem universal empregada em referência à seca e à fome nos dias de José – 41.54,57 [...]) Como o propósito das águas do dilúvio era destruir a humanidade pecaminosa (cf. v. 13) e o escritor possivelmente tinha em mente apenas os habitantes do antigo Oriente Médio, esse dilúvio talvez não precisasse abranger o mundo inteiro para destruí-los (Bíblia de Estudo NVI, 2003, Gn 6.17, nota).

Nesse espírito, o comentarista Derek Kidner diz: “[...] Resta pouca dúvida razoável (conquanto alguns ainda contestem isto) de que os acontecimentos de Gn 6-8 se deram numa área limitada, embora verdadeiramente vasta, cobrindo não o globo inteiro, mas o cenário da história humana dos capítulos anteriores” (KIDNER, 1979, p. 88).

Contudo, tal esforço no sentido de conciliar os dados relativos às ciências naturais com a narrativa bíblica, de modo que a ciência e a Bíblia (quando lida e interpretada corretamente, segundo os proponentes de tal hipótese) apresentariam a mesma descrição do suposto fenômeno, tem uma série de problemas. A proposta não leva em consideração o que se sabe sobre a visão de mundo dos antigos hebreus e de outros povos do Oriente Próximo. Para eles,

[...] o universo era uma estrutura composta de três níveis: o céu, a terra e o mundo subterrâneo (cf. Êx 20.4). A terra era imaginada como uma superfície plana. O céu era concebido como uma expansão, uma abóbada sólida, um firmamento

(cf. Jó 37.18) sobre o qual se apoiava um imenso depósito de água ou oceano superior, do qual procediam as chuvas (cf. Gn 7.11; Sl 148.4; Is 40.22). No mundo subterrâneo havia um imenso oceano, sobre o qual se assentavam os pilares que sustentavam a terra (ver [...] Sl 24.2; 104.5; 136.6) (Bíblia de Estudo Almeida [ARA], Gn 1.6-8, nota "m", grifo do autor).

Assim, o "[...] conceito estrutural da forma do universo [hebraico] [...] era mantido basicamente em comum com os outros povos ao seu redor [...]" (HARBIN, 2006, p. 67).³ Uma maneira de se entender essa curiosa cosmologia, bem como a magnitude do dilúvio descrito na Bíblia, é ler o que é dito em Gênesis 1 sobre como, no processo da criação, Deus separa, por meio do firmamento, as "águas superiores" daquelas "inferiores".

1.6 Deus disse: "Que haja um firmamento no meio das águas, e que ele separe as águas das águas!" 1.7 Deus fez o firmamento e separou as águas inferiores do firmamento das águas superiores. E assim aconteceu. 1.8 Deus chamou o firmamento de "céu". Houve uma tarde, houve uma manhã: segundo dia (Gn 1.6-8).

Os antigos hebreus chamavam o referido conjunto de águas superiores de *mabbūl*, que "[...] é um termo técnico para designar uma parte do edifício universal: o oceano celeste. Este oceano celestial se pensava estar situado acima do firmamento (*raqiá'*)⁴ e se esvaziava através de comportas [do firmamento] providas de trancas (2 Re 7.2,19)" (RAD, 1982, p. 154, tradução nossa)⁵. As águas inferiores constituiriam o que é chamado alhures de "grande Abismo" (*rabbāh t̄hōwm*).

Os exegetas concordam que a narrativa do dilúvio em sua forma final é um texto compósito, sendo, segundo muitos, resultado da combinação de ao menos duas fontes,

3 "[...] Porém as considerações teológicas que os hebreus mantiveram referente a essas estruturas físicas é algo completamente diferente" (HARBIN, 2006, p. 67), acrescenta o autor.

4 "O verbo subjacente a *firmamento (raqiá')* significa bater ou cunhar (cf. Ez 6:11), muitas vezes usado em conexão com metal batido" (KIDNER, 1979, p. 45).

5 [...] es un término técnico para designar una parte del edificio universal: el océano celeste. Este océano celestial se consideraba situado encima del firmamento (*raqiá'*), y se vaciaba hacia abajo a través de ventanas provistas de rejas (II Re 7,2,19).

referidas como javista (chamada de “J”), a qual dataria do século X a. C., e sacerdotal (chamada de “P”), do século VI a. C. (BRIEND, 1997, p. 8-9). Sem entrar em minúcias, ambas as fontes mostram diferenças no que tange às suas apresentações do dilúvio. Gerhard von Rad diz: “Segundo a história J’, o dilúvio foi provocado por 40 dias de chuva e durou 61 dias [...]” (RAD, 1982, p. 145, tradução nossa)⁶. Já o episódio descrito na fonte “P” é particularmente aterrador: “No ano seiscentos da vida de Noé, no segundo mês, no décimo sétimo dia do mês, nesse dia todos os reservatórios do grande Abismo se romperam e as aberturas do céu foram escancaradas” (Gn 7.11). Daí, tem-se que o dilúvio não foi, apenas, uma chuva de proporções colossais que teria durado quarenta dias, mas, sendo o jorrar dos “reservatórios do grande Abismo”, e o escancarar das “aberturas do céu”, foi um juízo de tal magnitude que a própria estrutura do universo entrou em colapso. “[...] Deus irá descarregar sobre a terra as águas represadas no céu, acima do firmamento (Gn 1,7)” (ARANA, 2003, p. 127). O cosmo (como o entendiam os hebreus), literalmente, desabou...

[...] Devemos, pois, representar o dilúvio, segundo a exposição “P”, como uma catástrofe que alcançou a todo o cosmo. Se o oceano celestial se derrama sobre a terra, e o mar primordial que está abaixo do disco terrestre e cujo furor Deus acorrentou começa a brotar por haver-se livrado de suas cordas através das gretas entreabertas, isto supõe, segundo o sentido cosmológico da Bíblia, um desabamento de todo edifício do universo. As duas metades do oceano primordial e caótico (Gn 1.7-9), separadas em “superior” e “inferior” pelo ato criativo de Deus, voltam a se juntar; a criação começa a regressar ao caos primitivo. Portanto, a catástrofe não alcança aqui a homens e animais, apenas, como fora o caso de “J”, mas à terra (6.13;9.11) e ao cosmo inteiro (RAD, 1982, p. 154, tradução nossa)⁷.

6 Según la historia j, el diluvio fue provocado por 40 días de lluvia y duró 61 [...].

7 [...] Debemos pues representarnos el diluvio según la exposición P, como una catástrofe que alcanzó a todo el cosmos. Si el océano celestial se derrama sobre la tierra, y el mar primigenio que se halla bajo el disco terráqueo y cuyo furor encadenó Dios comienza a brotar, por haberse liberado de sus coyundas, a través de las entreabiertas grietas, esto supone según el sentido cosmológico de la Biblia un derumbamiento de todo el edificio del universo. Las dos mitades del océano primigenio y caótico (Gen 1,7-9) separadas en superior e inferior por el acto creativo de Dios, vuelven a juntarse; la creación comienza a regresar al caos primitivo. Por tanto, la catástrofe no alcanza aquí a hombres y animales sólo, como era el caso de j, sino a la tierra (6,13; 9,11), al cosmos entero.

Assim, é inconcebível pensar que tal evento teria apenas proporções locais. Não se está falando de uma gigantesca inundação local, mas de algo de alcance cósmico, no qual a própria criação desmorona. O que é descrito na narrativa do dilúvio, então, é nada menos que o processo de reversão da criação. “[...] Javé está resolvendo a inverter o ato de criação” (DATLER, 1984, p. 75). “[...] As duas frases [em Gênesis 7.11b] apontam para uma irrupção do caos na ordem do mundo criado” (WESTERMANN, 2013, p. 80). “[...] A terra está retornando a seu caos pré-criação pela liberação das águas previamente retidas acima pelo rompimento das águas subterrâneas (ver Gênesis 1.2, 6-9; 8.2) [sic]” (FREDERICKS; WALTKE, 2010, p. 167). “[...] As expressões evocam deliberadamente o capítulo 1 [de Gênesis]: as águas sobre e sob o firmamento, por sinal, voltam a misturar-se, como que para inverter a própria obra da criação e trazer de volta a informe desolação de águas” (KIDNER, 1979, p. 85). Não faz sentido falar aqui, portanto, de um dilúvio local. O dilúvio descrito na Bíblia (ao menos, na fonte “P”) é uma catástrofe universal, pois atinge toda a criação.

2- Questões científicas (panorama histórico)

Claramente, uma abordagem científica do tema não lidará com um evento como o apresentado no texto bíblico. Como ficou óbvio, só faz sentido falar em uma descrição bíblica precisa do dilúvio se admitir-se que a Terra é plana, que há um firmamento onde os corpos celestes estariam situados, que acima do firmamento estaria um gigantesco oceano celeste e que haveria um enorme abismo subterrâneo cheio de águas represadas quando da criação. Sem a adoção de tal cosmologia, é inútil perguntar se há, no exposto em Gênesis, uma exata descrição do acontecimento em questão.

Todavia, ainda se pode perguntar acerca da ocorrência, em um passado remoto, de um episódio que teria deixado profundas marcas no imaginário dos povos e que os autores bíblicos teriam descrito nos moldes daquilo que conheciam acerca da estrutura do universo, vendo em meio a tal evento o juízo e a salvação de Deus se manifestando em

benefício de um remanescente, embora tal não corresponda exatamente àquilo que é narrado nas primeiras páginas da Bíblia.

Desde a antiguidade (ao menos, desde os gregos), já se tem abandonado a ideia de uma Terra plana e coberta por uma abóbada, mas a ideia de um dilúvio era lugar-comum entre os cristãos ao longo dos séculos, com escritores como Tertuliano de Cartago (155 – 222 d. C.) afirmando que conchas achadas em lugares elevados tinham sido levadas para lá pelo dilúvio bíblico (GAMLIN, 1994, p. 10). Leonardo da Vinci (1452 – 1519) era contrário à ideia de um dilúvio com base em tal evidência, pois tais conchas estavam dispostas em várias camadas, cada uma correspondendo a uma estação do ano, de forma que seria necessário supor a ocorrência de um dilúvio por ano para dar conta desta conformação (BRANCO, 1994, p. 17). Também ocorreu que, nos séculos XVIII e XIX,

os geólogos começaram a entender por que conchas de seres marinhos apareciam no alto das montanhas. Eles perceberam que a maioria das rochas sedimentares havia se originado pela acumulação gradual de areia e lodo no fundo do mar. Os fósseis se formaram quando os animais foram recobertos pelos sedimentos. Depois, movimentos da crosta terrestre comprimiram algumas rochas, dobrando-as para cima. As que estavam no fundo do mar viraram topos de montanhas (GAMLIN, 1994, p. 10).

A própria ideia de um dilúvio sobreviveria, em meio à comunidade científica, até o século XIX. Sobre a possibilidade de um dilúvio universal e buscando contornar as dificuldades científicas concernentes, os seus proponentes alegavam que ele se deu porque, em boa medida, a Terra de então teria configuração diferente da atual, com uma superfície menos acidentada e sem montanhas, por exemplo (PITMAN; RYAN, 1999, p. 55-56). A grande quantidade de água necessária para o cataclismo seria oriunda do “[...] ‘grande Abismo, do Mar, ou de águas escondidas nas entranhas da terra’, ou caiu do céu durante o encontro próximo com um cometa” (PITMAN; RYAN, 1999, p. 56, tradução nossa)⁸. Muitos geólogos inclusive defendiam que, na verdade, não houve uma, mas muitas inundações e

8 [...] “great Abyesse, the Sea, or Subterraneous water hid in the bowels of the Earth”, or it rained down out of the sky during a close encounter with a comet.

o dilúvio de Noé teria sido o último de uma série de cataclismos. Cientistas como Abraham Werner (1750 – 1817) e William Smith (1769 – 1839) mostraram que as rochas são formadas por camadas (estratos) constituídas em períodos geológicos específicos, cada uma delas tendo seu próprio conjunto de fósseis, os quais serviriam, portanto, para identificar as mesmas formações. Werner, que acreditava que a Terra passara por uma série de dilúvios, viu em tal estrutura das rochas indício das mesmas inundações, com cada camada sendo formada durante o correspondente cataclismo (GAMLIN, 1994, p. 16). Por seu turno, o caçador de fósseis escocês Hugh Miller (1802 – 1856) popularizou a hipótese de que, seguidamente a cada catástrofe, uma nova multitude de seres seria criada em substituição aos que foram destruídos, e que Bíblia relata a última hecatombe (GAMLIN, 1994, p. 17).

Até fins do século XVIII, era consenso que a Terra teria uma idade relativamente recente, tendo sido criada, como fora inferido por meio das genealogias bíblicas pelo arcebispo da Irlanda James Ussher (1581 – 1656), há alguns milhares de anos, apenas. Com o geólogo James Hutton (1726 – 1797), tem-se pela primeira vez a apresentação de um quadro convincente de que a Terra seria antiquíssima, com “nenhum vestígio de um começo – nenhuma perspectiva de um fim” (PITMAN; RYAN, 1999, p. 56, tradução nossa)⁹. Ademais, Hutton “[...] procurou explicar a mudança constante que ocorre na superfície da Terra pelos processos observáveis hoje” (DINELEY, 2000, p. 515-516, tradução nossa)¹⁰. Assim, não haveria lugar em tal cenário para o panorama que muitos acreditavam estar descrito na Escritura, com algo como um dilúvio global logo nos primórdios da história da Terra e da raça humana. Segundo Hutton, a aventura humana representaria, apenas, uma ínfima fração da história do planeta (PITMAN; RYAN, 1999, p. 56), e a face da Terra seria moldada por forças ainda atuantes hoje, e não por cataclismos ou algo do tipo. Tal posição veio a ser conhecida como uniformitarismo, em contraposição ao catastrofismo, advogado pelos que defendiam que a configuração da superfície do planeta se deveria à ocorrência de catástrofes como o dilúvio de Noé.

9 “no vestige of a beginning – no prospect of an end”.

10 [...] sought to account for the constant change proceeding on the surface of the Earth by processes observable today.

Os trabalhos de Charles Lyell (1797 – 1875), que desenvolveu o paradigma uniformitarista proposto por Hutton, acabaram levando ao abandono da hipótese de um dilúvio global em favor de uma inundação localizada, no máximo (EVANS, 1970, p. 103). Também contribuiu para a rejeição da hipótese do dilúvio a adoção, por parte de cientistas como William Buckland (um dos mais ferrenhos defensores da “geologia do dilúvio”) (1784 – 1856) e o mesmo Lyell, da teoria das glaciações de Louis Agassiz¹¹ (1807 – 1873) (PITMAN; RYAN, 1999, p. 56). No ano de 1840, Agassiz mostrou a Buckland, em Blackford Hill, ao sul de Edimburgo, Escócia, “[...] um impressionante afloramento de estrias (os sulcos paralelos indicando a ação de uma geleira em movimento raspando a paisagem) e instantaneamente pronunciou: ‘Isso é obra do gelo!’ [, pois tais cortes não deveriam lá estar se as rochas que os formaram fossem transportadas pelas águas do dilúvio, como supunha Buckland.]. A conversão de Buckland da teoria do dilúvio foi instantânea” (PITMAN; RYAN, 1999, p. 34, tradução nossa)¹².

Porém, enquanto os geólogos abandonavam o dilúvio, os arqueólogos bíblicos continuaram a abraçá-lo e, mesmo, dar-lhe nova vida. [...] As contínuas escavações de cidades antigas no Oriente Próximo ressuscitariam o dilúvio como um evento definidor no berço da civilização (PITMAN; RYAN, 1999, p. 35, tradução nossa)¹³.

Em um dos capítulos mais conhecidos no que tange à arqueologia do dilúvio, Charles Leonard Woolley (1880 – 1960), em escavações na região sul da Mesopotâmia, acha nos estratos abaixo da Ur primitiva “[...] evidência material de uma grande inundação, representada em dez pés contínuos de lama de origem hídrica destituída de artefatos

11 A chamada “geologia do dilúvio” tem sido revivida por movimentos criacionistas tais como o “criacionismo científico”. Curiosamente, Louis Agassiz, que tanto contribuiu para a morte de tal geologia no século XIX, era criacionista.

12 [...] a stunning outcrop of striations (the parallel grooves indicating the action of a moving glacier grinding away at the landscape), and instantly pronounced, “That is the work of ice!” Buckland’s conversion from diluvianism was instantaneous.

13 But while the geologists abandoned the flood, biblical archaeologists continued to embrace it and even gave it new life. [...] The continuing excavations of ancient cities in the Near East would resurrect the flood as a defining event in the cradle of civilization.

humanos” (PITMAN; RYAN, 1999, p. 54, tradução nossa)¹⁴. Daí, Woolley supõe que teria encontrado os restos do dilúvio de Gênesis (PITMAN; RYAN, 1999, p. 55). Pesquisas ulteriores em sítios como Abu Shahrain (a Eridu bíblica), Tell el Oueili e Choga Mami, contudo, não encontraram a mesma camada de lama, daí concluindo-se que o referido depósito só cobriria “[...] uma única fenda em um dique do rio Eufrates, formando o que os hidrólogos modernos chamam de depósito ‘splay’, cobrindo no máximo algumas milhas quadradas da várzea lateral” (PITMAN; RYAN, 1999, p. 55, tradução nossa)¹⁵. De fato, o “dilúvio” de Leonard Woolley sequer teria coberto toda região de Ur (LONGMAN III; WALTON, 2019, p. 168).

[...] Atualmente, nenhum arqueólogo considera a camada de lama encontrada por Woolley em Ur como sendo mais significativa que mil outras camadas de lama expelidas dos dois grandes rios [da Mesopotâmia] durante ou desde a última idade do gelo. Nenhuma destas inundações locais, aparentemente, teve mais importância que qualquer outra para servir como uma grande linha divisória no povoamento da Mesopotâmia (PITMAN; RYAN, 1999, p. 55, tradução nossa)¹⁶.

3 - O dilúvio ocorreu, então?

Um episódio de muito maior monta que o que produziu os vestígios investigados por Woolley teria sido aquele por meio do qual um lago de água doce ao norte da Anatólia se tornou o atual Mar Negro. Durante a última glaciação, o nível global do oceano baixou a ponto de o Mar Negro de então ser isolado do Mediterrâneo e, subsequentemente, cheio

14 [...] material evidence of a great inundation, represented in ten continuous feet of waterborne silt devoid of human artefacts.

15 [...] a single breach in a levee of the Euphrates River, forming what modern hydrologists call a “splay deposit,” covering at most a few square miles of the lateral floodplain.

16 [...] No archaeologist today considers Wooley’s silt layer at Ur to be any more significant than a thousand other silt layers spewed from the two great rivers during and since the last ice age. None of these local floods apparently had more importance than any other in serving as a major divide in human settlement in Mesopotamia.

por água doce oriunda do derretimento das geleiras que, na ocasião, cobriam o território da Rússia atual, o que deu origem ao chamado New Euxine Lake (PITMAN; RYAN, 1999, p. 104-105, 156).

Sedimentos, bem como esqueletos de criaturas dulcícolas¹⁷, dão testemunho do passado do Mar Negro como um lago de água doce (PITMAN; RYAN, 1999, p. 105). Acima de tais sedimentos lacustres, cientistas russos encontraram depósitos marinhos, o que indica, portanto, que um antigo lago de água doce fora invadido, em determinada ocasião, por água salgada (PITMAN; RYAN, 1999, p. 105-106). Também foram encontrados, mar adentro, a distância entre 16 e 160 quilômetros da atual costa do Mar Negro, sedimentos terrestres, evidência de que o New Euxine Lake seria menor que o hodierno Mar Negro (PITMAN; RYAN, 1999, p. 106).

Há 5.600 anos a.C., o referido lago estaria separado do Mediterrâneo pela barreira do Bósforo, constituída pela faixa de terra onde, hoje, se situa o mar de Mármara e os estreitos de Bósforo e Dardanelos. A superfície do lago se encontraria, então, 106 metros abaixo do nível da barreira, enquanto o oceano estaria 15 metros abaixo do nível atual (PITMAN; RYAN, 1999, p. 157). Então, na mesma época, as águas do Mediterrâneo ultrapassaram, em determinado ponto, a barreira do Bósforo e esborraram para dentro do New Euxine Lake, o que ocasionou o aumento de seu volume e sua superfície, com seu nível subindo 15 centímetros por dia, obrigando a população que vivia em seu entorno a se deslocar de 400 metros a até mais de 1,5 quilômetro por dia para fugir das águas (PITMAN; RYAN, 1999, p. 160). “[...] Aparentemente, nenhuma espécie do anterior ambiente de água doce sobreviveu à transição de volta para um mar” (PITMAN; RYAN, 1999, p. 102, tradução nossa)¹⁸. Foram encontrados, inclusive, depósitos causados por uma enorme avalanche oriunda da barreira do Bósforo, o que seria resto do estouro da “represa” que ocasionou a cheia do então lago. Até um cânion por onde se deu a avalanche foi encontrado (PITMAN; RYAN, 1999, p. 160-161).

17 Próprias de ambientes de água doce.

18 [...] Apparently not a single species of the earlier freshwater environment survived the transition back to a sea.

O Mediterrâneo correu através de um desfiladeiro para as planícies além quando uma barreira de terra cedeu. Isto, por sua vez, foi uma consequência da elevação do nível do mar no fim da última época glacial. Foi uma catástrofe tão completa quanto a ruptura de uma represa gigante, com uma força 400 vezes maior que a gerada pelas Cataratas do Niágara (FORTEY, 1999, tradução nossa)¹⁹.

O fluxo de água do Mediterrâneo em direção ao New Euxine Lake chegou à monta de quase 80 bilhões de toneladas por dia (PITMAN; RYAN, 1999, p. 160). Tal enchente fez com que o nível do lago se elevasse 60 metros no primeiro ano e mais 33 metros no ano seguinte (PITMAN; RYAN, 1999, p. 236).

A isso tudo se seguiu a diáspora dos povos que viviam nas costas do lago, que fugiram em várias direções. E, para onde iam, levavam a história referente ao ocorrido, quando o mundo que conheciam simplesmente desapareceu sob as águas do Mediterrâneo que, agora, invadiam o New Euxine Lake. Atentar para o fato que, na ocasião, as margens do lago seriam um tipo de oásis que proporcionava refúgio para inúmeras populações que procuravam escapar das condições adversas devidas a uma pequena glaciação que se iniciou por volta de 6200 a. C. (PITMAN; RYAN, 1999, p. 233). Agora, tais pessoas eram obrigadas a fugir, deixando tudo para trás.

Mas, então, se levanta a questão do porquê um evento localizado, embora de grandes proporções, ser representado nas Escrituras como algo não apenas de proporções globais, mas cósmicas.

4 - Falando sobre Deus por meio de histórias de um mundo há muito desaparecido

Cabe, aqui, uma discussão sobre a natureza da própria linguagem religiosa, pois a finalidade da descrição do dilúvio em Gênesis é, primariamente, comunicar ideias religiosas e não necessariamente descrever um fenômeno físico. O episódio físico, apresentado como uma catástrofe universal, visa expor conceitos como a profundidade da pecaminosidade

¹⁹ The Mediterranean rushed through a canyon into the lowlands beyond at the moment when a land barrier gave way. This in turn was a consequence of the sea-level rise at the end of the last glacial epoch. It was a catastrophe as complete as the breaching of a giant dam, with a force 400 times greater than that generated by Niagara Falls.

humana, bem como a resposta divina em seus aspectos de juízo e de graça. A breve exposição do mundo pré-diluviano ressalta isto (Gn 6), mostrando que o foco dos capítulos seguintes é evidenciar o furor divino contra o pecado humano e a misericórdia de Deus, e não fornecer uma descrição nos moldes de um tratado científico sobre algum incidente geológico do passado.

Dentro da discussão sobre a linguagem religiosa, tem-se algo acerca do qual há muito mal-entendido, mas que é bastante útil para se compreender a passagem em questão: o mito. Os cristãos conservadores mostram grande resistência em aceitar que narrativas bíblicas como as referentes à criação e ao dilúvio sejam míticas pois, creem que se elas não são literais, não poderiam ser verdadeiras (GILKEY, 1959, p 343)²⁰. Porém, o mito é mais do que uma história fantasiosa, sendo uma forma de expressar aqueles que seriam os atos de Deus (ou dos deuses) tomando analogias da experiência humana. Por exemplo, Deus é descrito “fazendo” determinadas coisas por toda a Bíblia. Marcadamente no Gênesis, é apresentado como “fazendo” o “firmamento”, os “dois grandes luminares”, os “animais selvagens”, os “animais grandes” e os “animais pequenos do solo” e deliberando “fazer” a raça humana (Gn 1.7, 16, 25, 26). Claramente, Deus não fez nenhum desses entes do mesmo modo que um ser humano faz algum artefato, de forma que temos uma analogia por meio da qual é expressa certa similaridade do agir divino em relação ao agir humano. Langdon Gilkey diz o seguinte:

[...] O mito é uma forma de linguagem religiosa que une os três conceitos que nós temos discutido (analogia, revelação e paradoxo) em um modo de discurso sobre Deus. Na linguagem mítica sobre Deus, os cristãos usam analogias pessoais e históricas, mas eles as usam paradoxalmente, a fim de expressar, em uma história dramática, o entendimento de Deus e de nossa vida o qual a fé tem recebido em seu encontro com a revelação de Deus (GILKEY, 1959, p 342, tradução nossa)²¹.

20 Langdon Gilkey discute a questão no que se refere à criação, especificamente. Contudo, suas impressões são aplicáveis à narrativa do dilúvio.

21 [...] Myth is a form of religious language which unites the three concepts we have been discussing: analogy, revelation, and paradox, into a mode of speech about God. In mythical language about God, Christians use personal and historical analogies, but they use them paradoxically, in order to express in a dramatic story, the understanding of God and of our life which faith has received in its encounter with God's revelation.

Assim, a linguagem mítica é analógica por tomar a atividade humana na história para descrever Deus. Também é paradoxal por usar linguagem pessoal e histórica para se referir à fonte de todos os seres, a qual, obviamente, transcende a história (GILKEY, 1959, p. 343). De forma que ter-se-ia na narrativa, Deus sendo descrito como um dos personagens que atuam na trama entrando em diálogo com Noé, enviando o dilúvio, salvando o herói e estabelecendo aliança com ele.

Gilkey defende que os conservadores estão corretos em insistir que as doutrinas teológicas têm alguma relação com os fatos, pois a fé cristã é baseada na revelação por meio de acontecimentos concretos na história (GILKEY, 1959, p. 343), e a teologia cristã é “[...] um sistema de conceitos extraídos de eventos históricos definidos, também expressando o significado dos mesmos” (GILKEY, 1959, p. 344, tradução nossa)²². Contudo, diz, deve-se distinguir entre os elementos “mítico” e factual nos eventos históricos nos quais a fé cristã se baseia. Por exemplo, na encarnação há o elemento de fato histórico observável (vida e morte de Jesus) que é interpretado pelos crentes em Cristo como culminância da revelação de Deus aos homens. Os que respondem por fé interpretam tal agir de Deus em Cristo por meio de símbolos como a encarnação do Filho de Deus, sua morte expiatória, ressurreição²³ e ascensão, e os cristãos consideram tal interpretação como válida por crerem que há algo como uma dimensão divina nos fatos históricos. Mas tal interpretação também é “mítica” porque fala de Deus em termos paradoxais e analógicos de um drama de um agente pessoal na história (GILKEY, 1959, p. 344). Assim, “[...] uma distinção deve ser feita pela mente entre o fato, o qual é observável e descritível pela ciência histórica, e a dimensão divina do fato, a atividade de Deus, a qual a fé discerne neste” (GILKEY, 1959, p. 345, tradução nossa)²⁴ e tal discernimento forma o conteúdo da doutrina cristã sobre Jesus.

22 [...] a system of concepts drawn from and so expressive of the meaning of definite historical events.

23 Sobre a ressurreição, pode-se acrescentar que é possível abordá-la historicamente tomando-se em conta dados como o túmulo vazio e os relatos de aparições do Cristo ressuscitado, por exemplo. A interpretação de tais coisas como indícios da ressurreição, contudo, envolve um elemento de fé.

24 [...] a distinction must be made by between the fact which is observable and describable by historical science, and the divine dimension of the fact, the activity of God, which faith discerns within it.

“[...] Assim, mesmo onde a fé cristã é mais associada ao fato, suas doutrinas têm um caráter ‘mítico’” (GILKEY, 1959, p. 345, tradução nossa)²⁵.

A segunda distinção é entre aqueles eventos revelatórios na história, os quais são miticamente compreendidos (tais como a encarnação), e inferências daqueles eventos sobre a atividade “pré-histórica” de Deus, os quais são descritos miticamente, tais como a criação. [...] [C]omo o símbolo da Queda, a criação não tem nenhum conteúdo factual inerente e original; seu significado não está intrinsecamente ligado a nenhum evento particular e individual na história. Ele é, como temos visto, a expressão válida da mais profunda dimensão e significado de todo fato [...] (GILKEY, 1959, p. 345, grifo do autor, tradução nossa)²⁶.

Falando sobre o mito, John Macquarrie discorre sobre aquilo que seria o segundo desses casos, dizendo que a forma do mito é narrativa, mas tal narrativa não estaria presa a um ocorrido em particular, “[...] porque a ocorrência a qual ele relata é considerada, em certo sentido, um paradigma e significativa para o que está acontecendo agora” (MACQUARRIE, 1977, p. 131, tradução nossa)²⁷. Embora fale-se do mito do mesmo modo que se fala de qualquer acontecimento no mundo, os eventos e personagens do mito são de um tipo extraordinário (MACQUARRIE, 1977, p. 131-132) ²⁸. No mito não foi feita a distinção entre “símbolo e o que é simbolizado”. “[...] Enquanto a linguagem objetificante do mito parece dar a este uma literalidade inapropriada, seus eventos extraordinários e suas

25 [...] Thus even where Christian faith is most closely associated with fact, its doctrines have a “mythical” character.

26 The second distinction is between those revelatory events *in* history which are understood mythically, such as the Incarnation, and inferences from those events about God’s “prehistorical” activity which are described mythically, such as creation. [...] like the symbol of the Fall. Creation has no inherent and original factual content; its meaning is not intrinsically tied to any particular individual event in history. It is, as we have seen, the valid expression of the deeper dimension and meaning of every fact [...].

27 [...] for the occurrence which it relates is taken to be in some sense a paradigm and significant for what goes on now.

28 Oswald Loretz faz interessante observação: “[...] É preciso, portanto, que se proponha a seguinte questão: se os escritores bíblicos, ao incorporarem os mitos na sua teologia, teriam ao mesmo tempo aceito o pensamento das épocas pré-científicas ou se não teriam, ao contrário, feito uso desses mitos para tornar mais claros acontecimentos e situações que, não obstante, se encontram fora do horizonte mítico” (LORETZ, 1984, p. 27).

dramatis personae fazem ele sugestivo de dimensões da experiência além daquelas de nossas relações cotidianas com o mundo” (MACQUARRIE, 1977, p. 132, tradução nossa)²⁹.

Especificamente sobre o dilúvio, tem-se a interessante questão se ele pode ser reconstruído historicamente. Ou seja, se a mesma narrativa teria conteúdo factual, descrevendo um evento histórico, ou seria algo como a narrativa da “queda”, descrevendo algo que, historicamente, talvez nunca tenha ocorrido (com certeza, não no sentido de uma falta cometida por um primeiro casal da humanidade), ao mesmo tempo que descreve algo que ocorre o tempo todo (no sentido de representar o constante fracasso moral de cada ser humano em todos os tempos).

Como vimos acima, a “busca pelo dilúvio histórico” é uma tarefa que já ocupou algumas das mentes mais capazes da geologia, mas claramente se fracassou em estabelecer a ocorrência de algo como o que é descrito em Gênesis. Contudo, não se faz necessário abandonar a narrativa como, apenas, uma curiosa e errônea fábula, sem qualquer conexão com o reino dos fatos. Como dito acima, a linguagem religiosa, da qual o texto tratado aqui é um exemplo, mesmo quando não ligada a qualquer evento particular, não necessariamente está completamente desvinculada do mundo real. Isso porque, antes de ser uma descrição de certo fato da realidade, é uma descrição de um padrão da mesma realidade, sendo também um modo de se interpretar o que há em volta e tocando dimensões que vão além do mero fenômeno.

Tremper Longman III e John Walton tomam como certo que houve uma grande inundação em algum ponto da pré-história, mas não há como precisar qual serviu de inspiração para Gn 6-9 (LONGMAN III; WALTON, 2019, p. 167). Especificamente sobre o dilúvio do Mar Negro, complementam: “[...] Nossa conclusão é que a inundação do Mar Negro é um tipo de dilúvio devastador que poderia, em última análise, ter inspirado o relato bíblico, ainda que ele mesmo não seja o acontecimento bíblico em si” (LONGMAN

29 [...] While the objectifying language of myth seems to give it an inappropriate literalness, its extraordinary events and its supernatural *dramatis personae* make it suggestive of dimensions of experience beyond those of our everyday dealings with the world.

III; WALTON, 2019, p. 171)³⁰. Assim, por mais difícil que seja reconstruir o conteúdo factual, a narrativa ilustra a relação de Deus com sua criatura, relação esta concomitantemente de juízo e de salvação. O que parece haver é uma inundação de grande proporção que, apesar de local, claramente deixou indeléveis feridas no espírito dos sobreviventes, pois representou o fim de seu mundo. Para alguns, contudo, em meio a tal desastre, ocorreu mais do que isso. Ocorreu salvação, pois em tal estado de coisas viram o agir divino para obter livramento em meio ao fim daquele mundo que conheciam, do único mundo que conheciam, na verdade. Para essas pessoas, o que talvez teria sido percebido apenas como uma catástrofe natural por testemunhas modernas, com sua mente secular e ideias de um universo desdivinizado, era o agir divino destruindo uma velha ordem corrupta e livrando-os, com a perspectiva de tempos novos e melhores. Com a perspectiva da construção de um novo mundo³¹.

Contexto catastrófico análogo era vivenciado pelos judeus quando da queda do Reino de Judá, por exemplo. No exílio, experimentaram o fim de seu país, de seu templo e culto tão amados. Enfim, de seu mundo. Em meio a tal situação, a narrativa do dilúvio, com seus momentos de juízo e graça, aparece como uma ilustração de seu próprio estado. Do mesmo modo que o dilúvio não fora, naquele passado tão distante, a última palavra de Deus, a calamidade que sofriam não era o fim da história. Em Isaías 54.9-10, “[...] o poeta assemelha a devastação do exílio às águas de Noé. Assim como o dilúvio terminou com a promessa divina de fidelidade protetora (Gn 9,7-18), agora, no final do exílio, Javé promete ser fiel [...]” (BRUEGGEMANN, 2014, p. 312):

54.9 É para mim como as águas de Noé: a respeito delas, jurei que não transbordariam mais, essas águas de Noé, até cobrir a terra; da mesma forma jurei não mais irritar-me contra ti e não mais ameaçar-te. 54.10 Ainda que as

30 A teoria do dilúvio do Mar Negro não é incontroversa. Pesquisadores têm contestado a mesma alegando que Pitman e Ryan estariam equivocados no que tange ao nível do *New Euxine Lake* em relação ao atual Mar Negro. Dizem que o nível daquele só seria 30 metros mais baixo, de forma que a área inundada seria de, apenas, 2000 km², e não 70000 km², como Pitman e Ryan postularam (LIPPSETT, 2009). Uma inundação de 2000 km² ainda serviria de base para histórias acerca de uma catástrofe universal?

31 Óbvio que não é possível, aqui, oferecer um exposto das ideias religiosas dos habitantes das margens do *New Euxine Lake* que sobreviveram ao desastre. Propõe-se, no máximo, um cenário *plausível*.

montanhas mudassem de lugar e as colinas vacilassem, minha amizade nunca se afastará de ti e minha aliança de paz jamais vacilará, diz aquele que te manifesta a sua ternura, o SENHOR (Is 54.9,10).

Do mesmo modo que o herói Noé foi salvo da catástrofe e uma nova humanidade foi constituída a partir daí, e que um remanescente escapou da enchente do Mar Negro (ou de um cataclismo qualquer em um remotíssimo passado), os judeus que foram para o exílio viam o futuro de Deus à sua frente. Futuro em que seriam restaurados à sua pátria e à comunhão com Yahweh. “[...] Essa garantia de continuidade diante da ameaça em Isaías 54:9-10 mais tarde se torna uma garantia apreciada pelos exilados em Israel que enfrentaram eles mesmos uma ameaça e perda do lar” (BRUEGGEMANN, 2003, p. 42, tradução nossa)³². Há uma esperança, mesmo em meio a tanto sofrimento. O seu Deus se apresenta como fundamento para a construção de uma nova história, mesmo após a devastação que os acometeu. Do mesmo modo que nos dias do dilúvio a graça de Deus se manifestou em forma de salvação e aliança, agora cabia aos judeus fiéis esperar, pois ainda viam o livramento divino e o restabelecimento de sua pátria.

Isso é o que pode ser dito. Nem o Gênesis e, certamente, muito menos os vários outros relatos do dilúvio alhures permitem reconstruir, em pormenores, o evento em si, pois trabalham com uma cosmologia obsoleta, sendo a única cosmologia à qual se tinha acesso então. Também trabalham com personagens (Noé, Ziusudra, Utnapistim etc.) com os quais nenhum dos redatores da Bíblia e mesmo dos textos mais antigos sobre o dilúvio teve qualquer contato, as “informações” sobre eles chegando por meio de tradições orais que se refeririam a fatos ocorridos há milhares de anos. Não é possível, como supõem os cristãos mais conservadores, que exista em Gênesis uma descrição precisa do dilúvio pois, para começar, lá sequer há um entendimento moderno da natureza física e funcionamento da Terra, entendimento este que só surgiria, gradualmente, ao longo dos séculos. Suposto que a narrativa do dilúvio seja oriunda da pena de Moisés (hipótese desacreditada hoje em dia), ter-se-ia que tal relato dataria de, ao menos, treze séculos antes de Cristo. Mas a própria ideia de uma Terra redonda só apareceria no quarto século a. C., com o filósofo

32 [...] This reassurance of continuity in the face of threat in Isaiah 54:9-10 later becomes an assurance cherished by exiles in Israel who faced a threat and dislocation of their own.

grego Aristóteles³³. E, como ficou claro acima, o que é mostrado no texto bíblico só pode ser visto como uma exposição precisa do evento se a cosmologia hebraica antiga for adotada.

Também é necessário, aqui, falar algo acerca da natureza mesma da revelação. Muitos dos mal-entendidos na presente discussão resultam de noções errôneas do que seria a própria revelação. A exigência de que a Bíblia apresente uma descrição precisa do dilúvio nasce de uma compreensão proposicional da revelação, de forma que seria, basicamente, Deus revelando conceitos sobre si mesmo, o homem e o mundo, conceitos expressos sob forma de proposições. Assim, a narrativa do dilúvio seria produto de uma comunicação direta de Deus, o qual revelaria detalhes sobre o incidente e, não podendo Ele mentir, tudo o que é dito ali seria totalmente exato.

Contudo, o entendimento da revelação é equivocado, pois a revelação é, na verdade, o ato de Deus no sentido de entrar em relação com o ser humano, o qual passaria a ter, então, uma compreensão completamente outra de si mesmo e do mundo. Revelar é, antes de tudo, revelar-se. A revelação é um encontro. Ela envolve duas partes (BERKHOF, 1979, p. 56). Mas, nesse caso, a iniciativa se dá da parte de Deus, o qual, “[...] ao entrar de forma oculta em nossa realidade, torna o encontro possível” (BERKHOF, 1979, p. 57, tradução nossa)³⁴. “[...] O acontecimento real é um encontro em que o natural se torna a transparência de uma palavra ou ato divino [...]. Outros [que não os receptores da revelação] não podem confirmar nem negar este encontro” (BERKHOF, 1979, p. 52, tradução nossa)³⁵. A “[...] revelação consiste em um processo cumulativo de eventos e sua interpretação” (BERKHOF, 1979, p. 62, grifo do autor, tradução nossa)³⁶.

John Haught pontua que a tese proposicional falhou “[...] ao falar da revelação de maneira que não tematiza adequadamente o que realmente acontece na vida de fé

33 “O primeiro registro em que se propõe que a Terra é redonda foi feito por Aristóteles em seu livro *De Caelo* (Sobre o céu), em 350 a.C.” (MORICONI, 2018). Parece, contudo, que a ideia de uma Terra plana ainda era aceita por alguns dos autores neotestamentários (2 Pe 3.5).

34 [...] by entering in a hidden form into our reality makes the encounter possible.

35 [...] The real event is an encounter in which the natural becomes the transparency of a divine word or act [...]. Others can neither confirm nor deny this encounter.

36 [...] revelation consists of a cumulative process of events and their interpretation.

concreta dos fiéis cristãos”, em que a revelação era predominantemente experimentada de maneira dialogal (HAUGHT, 1998, p. 39). As proposições foram úteis no sentido de delimitarem o conteúdo da revelação, preservando a tradição religiosa de se dissolver na cultura geral. O perigo estaria em identificar tais proposições com a substância da revelação (HAUGHT, 1998, p. 40).

Particularmente acerca das Escrituras, se “[...] são de fato oráculos infalíveis não seria necessário lê-las ‘com olhos novos’” (RICHARDSON, 1991, p. 191-192). Ou seja, se a revelação fosse simplesmente proposicional, qualquer pessoa poderia descobrir a verdade simplesmente lendo as Escrituras. Sabemos que não é o caso, pois a Escritura é interpretada em meio à comunidade por aqueles que compartilham da mesma fé.

Deus, na revelação, comunica-se com o ser humano e o confronta em juízo e graça, que resulta em novo modo de se interpretar a vida como um todo. E o entendimento de tal encontro, recebido que é por meio da fé, é expresso sob a forma do mito, como Gilkey destaca em trecho já citado no presente texto³⁷.

Especificamente sobre o dilúvio, ao ler a narrativa e confrontando com a presença divina, é possível que o fiel perceba-se vivenciando algo daquela história em que Deus mesmo teria se manifestado em um profundo passado. No caso dos judeus que perderam sua pátria a analogia é bastante clara, mas se aplica a qualquer situação possível de experiência de juízo e graça.

Uma distinção útil, aqui, seria aquela apontada por John Macquarrie entre “revelação primordial” e a subsequente experiência da comunidade de fé, na qual a revelação primordial “continua ganhando vida”. Mas, mesmo a experiência subsequente “[...] significará algo como uma participação em primeira mão no padrão de consciência que tentamos traçar, do senso de finitude ao senso da presença do sagrado” (MACQUARRIE, 1977, p. 90, tradução nossa)³⁸.

37 O mito seria uma forma de “[...] expressar, em uma história dramática, o entendimento de Deus e de nossa vida o qual a fé tem recebido em seu encontro com a revelação de Deus” (GILKEY, 1959, p 342).

38 [...] will mean something like a first-hand participation in the pattern of awareness that we have tried to trace, from the sense of finitude to the sense of the presence of the holy.

Considerações finais

Na narrativa do dilúvio, tem-se expressa, por meio de conceitos “científicos” arcaicos e de tradições acerca de personagens ocultos no nevoeiro do tempo, as noções de juízo divino contra o pecado humano e graça salvífica, que eleger e preserva um remanescente. Embora seja impossível reconstruir os pormenores do acontecimento com base no texto bíblico, a teologia apresentada é clara. Permanece em aberto se é possível reconstruir os detalhes do ocorrido com base na geologia e algo nesse sentido talvez seja feito com a teoria do dilúvio no Mar Negro. Mas, como dizem Tremper Longman III e John Walton, não se faz necessário afirmar que o evento específico seja a base para o que é dito na Bíblia. A base, provavelmente, foi uma catástrofe experimentada como juízo e no meio da qual um remanescente viu a graça de Deus, não importa o quão perdida no tempo tal catástrofe esteja.

Os remanescentes perceberam o fato como o fim de seu mundo, pois só foi possível escapar com os poucos objetos e animais passíveis de serem carregados durante a fuga. Contudo, é possível que também o percebessem como episódio em que se manifestou a salvação divina, pois, queira ou não, conseguiram se salvar e receberam (assim podem tê-lo entendido) oportunidades para um recomeço, para a criação de um novo mundo. Com isso, surgem as múltiplas tradições do dilúvio em redor da região do Mar Negro, das quais as tradições que viriam a dar origem ao texto bíblico são exemplo.

Os judeus do período do exílio, por sua vez, enxergavam tal narrativa como mensagem de esperança, pois, de modo similar aos que viviam no mundo diluviano, aqueles também viram seu cosmo perecer. Em meio ao desastre que presenciavam de perda da pátria, de sua liberdade, de muitos de seus entes queridos e de seu culto, o relato do dilúvio, com a manifestação de irresistível juízo divino por meio das águas, bem como de graça salvadora igualmente poderosa, era indicativo de que, no fim, a última palavra de Yahweh ainda estava para ser dita.

Referências

ARANA, Andrés Ibañez. *Para compreender o Livro do Gênesis*. São Paulo: Paulinas, 2003.

BERKHOF, Hendrikus. *Christian Faith: an introduction to the study of the Faith*. Grand Rapids (MI): William B. Erdmans Publishing Company, 1979.

Bíblia de Estudo Almeida (ARA). Barueri (SP): Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

Bíblia de Estudo NVI. São Paulo: Editora Vida, 2003.

Bíblia – Tradução Ecumênica (TEB). São Paulo: Edições Loyola, 1994.

BRANCO, Samuel Murgel. *Evolução das espécies: o pensamento científico, religioso e filosófico*. 3. ed. Coleção Polêmica. São Paulo: Moderna, 1994.

BRIEND, Jacques. *Uma leitura do Pentateuco*. Cadernos Bíblicos. São Paulo: Paulus, 1997.

BRUEGGEMANN, Walter. *An Introduction to the Old Testament. The canon and Christian Imagination*. London: Westminster John Knox Press, 2003.

BRUEGGEMANN, Walter. *Teologia do Antigo Testamento: testemunho, disputa e defesa*. Santo André (SP): Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2014.

DATLER, Frederico. *Gênesis*. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.

DINELEY, D. L. Hutton, James (1726 – 97). In: HANCOCK, Paul L.; SKINNER, Brian J. (Eds.). *The Oxford Companion to the Earth*. New York: Oxford University Press, 2000.

EVANS, I. O. *O Planeta Terra. Série Prisma*. São Paulo: Edições Melhoramentos; Editora da Universidade de São Paulo, 1970.

FORTEY, Richard. *Most Curious of Seas*. London Review of Books, Londres, jul. 1999. Disponível em: <https://www.lrb.co.uk/the-paper/v21/n13/richard-fortey/most-curious-of>

seas. Acesso em: 13 jun. 2023.

FREDERICKS, Cathi J.; WALTKE, Bruce. *Gênesis*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

GAMLIN, Linda. *Aventura na Ciência: Evolução*. São Paulo: Editora Globo, 1994.

GEISLER, Norman L. Bíblia, supostos erros da. In: GEISLER, Norman L. *Enciclopédia de Apologética: respostas aos críticos da fé cristã*. São Paulo: Editora Vida, 2002.

GILKEY, Langdon B. *Maker of Heaven and Earth: The christian doctrine of creation in the light of modern knowledge*. New York: Anchor Books; Doubleday & Company, 1959.

HARBIN, Christopher B. *Homilética da Teologia das Narrativas*. Rio Grande do Sul: [s. n.], 2006.

HAUGHT, John F. *Mistério e Promessa: teologia da revelação*. São Paulo: Paulus, 1998.

KIDNER, Derek. *Gênesis: introdução e comentário*. Série Cultura Bíblica. São Paulo: Edições Vida Nova, 1979.

LIPPSETT, Lonny. Noah's Not-so-big Flood: New evidence rebuts controversial theory of Black Sea deluge. *Oceanus: the journal of our ocean planet*, [s.l.], ago. 2009. Disponível em: <https://www.who.edu/oceanus/feature/noahs-not-so-big-flood/>. Acesso em: 19 jun. 2023.

LONGMAN III, Tremper; WALTON, John H. *O mundo perdido do dilúvio: teologia, mitologia e o debate sobre os dias que abalaram a Terra*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.

LORETZ, Oswald. *Criação e mito*. São Paulo: Paulinas, 1984.

MACQUARRIE, John. *Principles of Christian Theology*. 2. ed. New York: Charles Scribner's Sons, 1977.

MORICONI, Marco. A terra é redonda. *Ciência Hoje*, [s.l.], nov. 2018. Disponível em: <https://cienciahoje.org.br/artigo/a-terra-e-redonda/>. Acesso em: 2 jul. 2023.

PITMAN, Walter; RYAN, William. *Noah's Flood: The New Scientific Discoveries about the Event that Changed History*. New York: Simon & Schuster, 1999.

RAD, Gerhard von. *El Libro del Génesis*. 2. ed. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1982.

RICHARDSON, Alan. *Apologética cristã*. 4. ed. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações (JUERP), 1991.

WESTERMANN, Claus. *O Livro do Génesis: Um comentário exegético-teológico*. São Leopoldo (RS): Sinodal, 2013.

Submetido em 02/07/2023

Aprovado em 24/08/2023